

Iraque: A guerra da personalização¹
Análise do conteúdo jornalístico da revista Istoé
durante a ação americana no Iraque
Neise Silva Soares²

Resumo

Este artigo se constitui a partir de uma análise da revista Istoé na cobertura da ação americana no Iraque nos meses anteriores e posteriores a invasão. Neste, será traçado um estudo crítico a partir das reportagens analisadas, oferecendo ao leitor a interpretação da “Guerra do Iraque” pela Istoé, que é o segundo maior semanário do país. O estudo permite constatar que a Istoé personalizou a guerra em Bush. E esta personalização foi gerada pela predominância do enquadramento político que acabou promovendo uma guerra de declarações levando ao esvaziando da capacidade que a reportagem tem de ampliar a discussão. O texto da revista Istoé serviu muito mais de condenação as atitudes do presidente americano do que a informação, seu principal objetivo.

Palavras-chave

Análise do discurso; Personalização ; Fundamentalismo

Introdução

Em março de 2003, o mundo virou suas atenções para o Iraque. Os Estados Unidos, liderados por Bush, invadem esse país, contra o aval da ONU (Organizações das Nações Unidas), à procura das armas de destruição em massa que o Iraque supostamente estaria produzindo. Vários meios de comunicação então noticiam a invasão. Este artigo fará uma análise da cobertura feita pela revista Istoé durante a ação americana no Iraque contra o regime de Saddam Hussein, em março de 2003, mostrando que ela apresentará um padrão distinto dos outros meios de comunicação do país, pois, ao contrário da maioria das revistas semanais que foram partidárias ao presidente americano e deterioraram a imagem de Saddam, ela vai fugir do antijornalismo e da propaganda americana praticado pela revista Veja e Época, respectivamente, apresentando uma cobertura baseada na personalização da guerra em Bush que vai se suceder nos editoriais, reportagens e fotos. A revista Istoé acreditava que a guerra estava centrada no fundamentalismo de Bush não tendo nada a ver com o povo americano e iraquiano. A ação americana foi apresentada como um duelo pessoal de Bush contra Saddam. Esse artigo está dividido didaticamente em 3 partes: a primeira mostrará as características do texto em uma revista, trazendo a função da reportagem. A segunda trará a cobertura da revista e o que de marcante fica nesta. E a

terceira, apresentará as conclusões desse artigo mostrando quais as conseqüências da personalização da guerra feita pela revista Istoé.

O texto em revista

Antes de entrar na análise da revista durante a guerra do Iraque, temos que entender o que é o jornalismo em revista e como se processa. Por ser um meio de comunicação onde a periodicidade é diferenciada (geralmente semanais, quinzenais e até mensais), as revistas buscam explorar novos ângulos ainda não vistos, os interpretando a partir do que já foi noticiados sobre o evento por outros meios durante a semana. É o que mostra Sérgio Vilas Boas³ lembrando que revista semanal preenche os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádio e televisão: As revistas fazem jornalismo daquilo que ainda está em evidência nos noticiários, somando a estes pesquisas, documentação e riqueza textual. O texto em revista se propõe mais abertamente a interpretar o fato através de uma das principais categorias jornalísticas: a reportagem. A reportagem é a principal forma que as revistas tem de interpretar os fatos. Através dela elas mostram e expõem suas idéias sobre determinado evento explorando diversos ângulos. Sérgio Vilas Boas (1996) afirma que: A reportagem ocupa e sempre ocupou o primeiro lugar na cobertura jornalística. Toda reportagem é notícia, mas nem toda a notícia é reportagem. A notícia muda de caráter quando demanda uma reportagem. A reportagem mostra como e porque uma determinada notícia entrou para a história. [...] Desdobra-se, pormenoriza e dá amplo relato aos fatos principais e também os fatos

subjacentes da notícia. Quando você a notícia salta de uma simples nota para uma reportagem, é preciso ir além, detalhar, questionar causas e efeitos, interpretar, causar impacto. A reportagem é uma notícia mas não uma notícia qualquer. É uma notícia avançada, na medida em que sua importância é projetada em múltiplas versões, ângulos e indagações. Ao valorizar a notícia, a reportagem revitaliza o estilo jornalístico, soltando um pouco as amarras da padronização. Uma boa reportagem não deve abrir mão de pesquisa, sob pena de alterar o espírito de investigação, curiosidade, desafio e surpresa, que estão acima de tudo.

Outra característica importante das revistas é que elas assumem o papel de formadoras de opinião. Como mostra Marília Scalzo⁴: As revistas acabaram tomando para si um papel importante na complementação da educação, relacionando-se intimamente com a ciência e a cultura. Com recursos mais modestos do que os jornais, muitas vezes as revistas não conseguiam ter acesso à mesma tecnologia e acabavam tendo que criar modelos paralelos.

A análise da cobertura da guerra

A revista Istoé foi criada em 1976 e é o segundo semanário mais lido no Brasil além de estar entre os 10 do mundo⁵. Durante o período analisado (05/02/03 à 28/05/03), correspondente as edições 1740 à 1756, a revista produziu 50 materiais jornalísticos sendo 5 editoriais, 44 reportagens com 26 boxes e 1 entrevista. Sua cobertura foi baseada em seu correspondente Osmar Freitas Jr. em Nova York, EUA. Ele foi responsável por quase 30% do material jornalístico produzido no tempo pesquisado, além de fornecer informações para outros jornalistas da própria revista aqui no Brasil. Durante a ação americana no Iraque apresentará uma cobertura indistinta dos outros meios de comunicação. Sua cobertura se centralizará na personalização da guerra em Bush. Mas o que vem a ser personalização? Segundo Nelson Traquina em **Cultura Noticiosa**⁶, personalizar significa valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento, acentuar o fato a pessoa.

A personalização da notícia permite ao jornalista comunicar a um nível que um vasto público composto por não profissionais é capaz

de entender. Inúmeros estudos sobre o discurso jornalístico apontam para a importância da personalização como estratégia para agarrar o leitor, pois as pessoas se interessam por outras pessoas. Essa personalização acaba criando estereótipos que simplificam o acontecimento apresentando um confronto maniqueísta, ou seja, do bem X mal, como informa José Arbex Jr. em **Showrnlismo**⁷:

O imaginário construído pela mídia é composto por uma vasta rede de símbolos e signos, de referências culturais, sociais, políticas e artísticas que prefiguram a constituição de uma espécie de memória coletiva 'globalizada' em um mundo cada vez mais desterritorializado[...] A mídia cria diariamente a sua própria narrativa e a apresenta aos telespectadores- ou aos leitores- como se essa narrativa fosse a própria história do mundo. [...]O maior problema, para o pensamento crítico, é tornar visível não apenas o oculto, censurado ou ausente como texto ou imagem, mas o que as tecnologias da informação tornam aparente visível por um processo de exposição extrema que, fingindo tudo mostrar, de fato nada revela. E essa personalização será exemplificada através das imagens que a revista construiu de Bush e Saddam. Antes de mostrar como a revista trabalhou a imagem de Bush e de Saddam, cabe aqui fazer uma distinção entre o que é imagem pública e imagem plástica, citando Wilson Gomes em **Transformações da política na era da comunicação de massa**⁸ onde o autor faz distinção entre esses dois tipos de imagem. A primeira seria composta por elementos visuais associado aos discursos e a segunda, seria apenas a representação visual, como veremos abaixo:

A imagem em sentido visual nem mesmo pode ser considerada um ingrediente essencial para a construção de imagens públicas. Imagem se faz com ações e com discursos, principalmente, e, além disso, com configurações expressivas que incluem, claro, elementos visuais mas ao lado de outros tantos elementos. Não se tem essa ou aquela imagem de alguém apenas apoiado numa determinada configuração visual a ele atribuída. Claro que elementos visuais podem contribuir para a formação de uma imagem, desde que se submetam a uma conversão em indícios, pistas, sintomas que sirvam para sustentar inferências lógicas.[...] Com efeito, um objeto, uma corporação ou um ator político podem ser representados- e normalmente o são- do ponto de vista gráfico, visual, icônico. Desse modo obteremos sua imagem plástica ou representação visual. Além disso, esses mesmos objetos podem ser

representados por nós- e com frequência o são- através de figurações mentais e assim temos outro tipo de imagem, a imagem mental. As imagens plásticas ou visuais podem ser, portanto, tanto gráficas como mentais.

E aqui quando faço referência a imagem, estou utilizando o conceito de imagem pública mostrado acima. A revista, como personalizou a guerra em Bush, caracterizava-o como insensato, cretino e arrogante, uma continuação de seu pai, porém a Isto é ainda o classificava como inteligente alegando que ele não ira cometer os mesmos erros do pai, porque, para a revista o fato de ele querer atacar o Iraque não significava que ele não estava atento a economia do país(Juízo final adiado- 05/02/03) .

A economia está mal das pernas e a popularidade do presidente Bush – que chegou a 90% de aprovação depois de 11 de setembro – voltou a níveis pré-ataques terroristas, meros 58%. “O país já se pergunta se este George Bush não é igual ao outro George Bush, que parecia só dedicado à política externa, sem nenhuma percepção dos desacertos da agenda doméstica”, diz Kerry. Bush pai perdeu seu cargo porque não entendia, como seu sucessor, Bill Clinton, que era “a economia, estúpido!” que importava para os americanos. Mas Bush não quer repetir o mesmo erro e, antes de começar uma guerra, procurou mostrar que assa a sardinha ao mesmo tempo que vigia o gato; ou seja, o fato de querer derrubar Saddam não significa que não esteja atento à economia do país. A revista também apresentava Bush como um fundamentalista que desobedeceu a ONU para satisfazer sua obsessão guerrilheira. Fundamentalismo aqui é mostrado a partir da visão de Martin E. Marty e R. Scott Appleby, apud Armstrong 2001 **Em nome de Deus**⁹, que apresenta o termo:

São formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião. Os fundamentalistas não vêem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre forças do bem e do mal.

Já Saddam era visto como o ditador sanguinário, o açougueiro de Bagdá, ou o monstro de Bagdá. Uma reprodução do que sua concorrente Veja, mostrava em seu texto. Como revela esse trecho da reportagem

Muitos mistérios: “Nesta semana, o primeiro filme conta a vida do ‘ açougueiro de Bagdá’, epíteto dado a Saddam Hussein por causa das inúmeras mortes pelas quais ele foi responsável”. Outra reportagem que mostra essa imagem negativa de Saddam é “Pedras no Caminho” publicada no dia 26/02/03 e “Face do terror” publicada no dia 02/04/2003:

Falou-se da possibilidade real de Saddam Hussein incendiar os poços de petróleo de seu país e tentar o mesmo com o Kuwait e a Arábia Saudita. E mais: o monstro de Bagdá poderá empregar armas químicas e biológicas durante a duração do conflito. Pedras no Caminho. Saddam assumiu o poder através de um golpe palaciano em 1979. No ano seguinte, lançou-se numa guerra contra o Irã, onde tinha sido instaurado um regime islâmico antiocidental. Durante oito anos, a guerra devastou os dois países. Com o apoio velado ou explícito do Ocidente, o ditador usou e abusou das armas químicas contra os iranianos, primeiro, e, depois, contra os iraquianos curdos, no final do conflito, em 1988. O homem do terror foi o mesmo que iniciou um vistoso processo de modernização do Iraque. A face do terror Observando a postura da revista Veja durante a Guerra do Iraque perceberemos que a revista Veja trará uma visão americanizada dos fatos ao mostrar a imagem de Bush embebida do exemplo da democracia enquanto a imagem de Saddam cerceada pela barbárie. É o que mostra Vanderlei Dorneles(2003)¹⁰ :

A cobertura de Veja dos preparativos americanos para a guerra contra o Iraque atribui consistentemente estereótipos ideológicos de tribalismo, crueldade, injustiça e atraso a Saddam, ao passo que Bush e os Estados Unidos são descritos e mostrados com símbolos positivos como democracia, desenvolvimento, força, justiça e libertação. A guerra, portanto, é mostrada como oposição entre democracia e barbárie, liberdade e totalitarismo.

A linha da revista Veja, segundo o artigo da estudante de Relações Internacionais Ana Virgínia(2005)¹¹, remete ao pensamento do orientalista Bernard Lewis¹² onde o escritor traça um perfil das sociedades muçulmanas muito convenientes para os interesses e investidas do ocidente, assim os muçulmanos são vistos como atrasados e inferiores em relação ao mundo ocidental. Segundo Lewis, os muçulmanos que já foram “superiores” ao Ocidente em todos os aspectos materiais e culturais e teriam se acomodado, enquanto isso, os europeus com suas

invenções e experimentos ultrapassaram os muçulmanos, passando a ser detentores do modelo econômico, político, militar e cultural, que espalhava e continua disseminando o pólen da prosperidade. Ambos afirmam que a resistência é uma consequência da inveja e do ódio ao Ocidente que se proliferou pelo Oriente porque os ocidentais teriam superado em todos as matérias os muçulmanos.

Ao classificar Saddam de ditador, ela reflete a maneira americana de julgar Saddam e esquece que Bush foi ditador na medida que invadiu o Iraque sem o consentimento da ONU e teve uma eleição presidencial duvidosa., como afirma Tariq Ali¹³ (2003).

Bush e Blair são líderes eleitos. Mesmo que se ponha em dúvida a eleição de Bush, o que está claro é que ele teve apoio praticamente unânime tanto do Senado quanto do Congresso, assim como do partido Democrático, cujas maiores estrelas, Sr. e Sra. Clinton, tiveram papel importante para convergir a opinião pública a favor da guerra. Assim como a maioria dos meios de comunicação, a revista Istoé procurou basear sua cobertura no enquadramento político (72,7 % de todo o material analisado), mostrando o processo de tomada de decisões e exercício do poder, com suas relações de alianças e repúdios, e seus efeitos para a ordem internacional. Pouco apareceu o enquadramento humano (4,5%), militar e tecnológico (13,6%) e o econômico (9,2%). Enquadramento aqui é entendido a partir da definição de Gitlin, 1980(apud Mauro Porto 2002¹⁴), ou seja, “como recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase ,exclusão,etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos”. Outra definição de enquadramento é a de Entman, 1994(apud Mauro Porto 2002). Para este autor, enquadrar significa “selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito”. Na realidade o enquadramento humano só vai surgir em

duas reportagens: quando o garoto Ali Ismael Abbas perdeu seus pais e seus membros superiores e inferiores, onde nessa mesma reportagem (A marca humana-16/04/2003) tratará da morte do cinegrafista da Reuters. E quando a revista vai mostrar o tratamento dado a crueldade com os presos de guerra americanos. Segundo a jornalista e escritora Alessandra Aldé¹⁵ (2003), o enquadramento que justifica a cobertura jornalística da guerra é o humano onde são mostrados os efeitos da guerra sobre a população submetida e na destruição civil:

Numa guerra, é difícil dissociar o interesse público ou nacional do interesse do Estado; a posição dos jornalistas de um país em guerra é complicada, portanto, pelo patriotismo inscrito em sua própria nacionalidade. O comando da guerra, por sua vez, empenha-se em mobilizar este sentimento, convencendo a opinião pública da validade e legitimidade do conflito; para isso, ter os jornalistas alinhados ao enquadramento oficial é estratégia fundamental. No esforço de guerra, cada parte envolvida procurará oferecer aos meios as “melhores histórias”. O Estado procurará inevitavelmente restringir e orientar os enquadramentos disponíveis sobre uma guerra – que, no entanto, sempre possui o “outro lado”, dada a própria lógica do antagonismo. Assim, da mesma forma que despejar folhetos de propaganda traduzidos para o árabe – ou o governo do Iraque fazer circular vídeos com discursos de Saddam Hussein – o esforço de guerra envolve garantir, tanto quanto possível, a divulgação pela imprensa livre da “versão oficial” dos acontecimentos.

Já o enquadramento militar é mostrado em 6 reportagens. Nelas a revista trará o arsenal que os Estados Unidos usaram no Iraque (As armas do império- 16/04/03), além das táticas americanas para chegar logo e tomar Bagdá (O cerco a Bagdá-09/04/03). Nas reportagens em que mostrou o enquadramento econômico, a revista trouxe como conteúdo o boicote aos produtos americanos, afirmando que “a fúria beligerante de Bush” estava sendo decisiva para o crescimento do mercado de consumidores que boicotam os produtos americanos. E a preocupação com economia brasileira em caso de guerra enfocando quais os benefícios que a economia brasileira terá com a guerra, além das consequências que guerra trará para o mundo, como se pode ver no exemplo abaixo:

No meio da tragédia, o Brasil pode encontrar oportunidades para sair a salvo.. a guerra pode representar uma janela de oportunidades ao Brasil, já que os produtos americanos e britânicos despertariam antipatia em partes do mundo árabe.” (12/03/2003 – O preço da guerra) Como qualquer meio de comunicação impresso semanal, a revista Istoé procurou explorar os vários ângulos ainda não vistos sobre o conflito. Como a cobertura é caracterizada pelo predomínio do enquadramento político (72,7% de todo o material produzido sobre a guerra), como já foi citado acima, a revista promoveu uma guerra de de setembro de 2002”, realizado em julho de 2003 pelo Centro de Estudos Político-Estratégico da Escola de Guerra Naval (RJ).

declarações. E por causa dessa guerra de declarações a primeira baixa da guerra é a verdade, como mostrou José Rodrigues dos Santos citando Philip Knightley no livro **A verdade da guerra**¹⁶. A consequência dessa guerra de declarações, será a personalização da guerra em Bush, como já foi mostrado. Os editoriais é a oportunidade que o veículo de comunicação, ou grupo, tem para definir sua opinião sobre determinado acontecimento. Em seus editoriais (5), a Istoé, mostra uma constante personalização da guerra onde à revista afirmava que a ação americana ao Iraque não era uma ação do povo americano contra o povo iraquiano e, sim, uma guerra pessoal entre, E.U.A de Bush contra o Iraque de Saddam, como observamos nesse fragmento do editorial do dia 26/03/2003 (Cretinice e Insensatez). Bush, com o seu inconfundível ar parvo, decorava o discurso, ajeitava-se na cadeira e experimentava expressões dramáticas que se adequassem à tarefa, entre sorrisos e caretas cínicas, patéticas e constrangedoras. A exibição de cretinice explícita foi feita defronte às câmeras – em transmissão global da BBC, que foi depois reprisada por outras emissoras – enquanto seus cabelos eram ajeitados por uma auxiliar. A cretinice só não é maior que a insensatez” (26/03/03- Cretinice e Insensatez).

A armadilha de Bush (02/04/2003) foi outro editorial que refletia a mesma opinião. A invasão do Iraque começou mal. Após a primeira semana de guerra já está claro que a

arrogância superou a prudência nas estratégias bélicas da coalizão liderada por Bush. Pressionado pela opinião mundial, já furiosa com a invasão, Bush optou por chegar logo a Bagdá e acabar logo com a brincadeira, reduzindo Saddam Hussein a pó.

Outra característica importante encontrada nos editoriais foi à presença das projeções. A revista sempre estava alertando que a vitória de Bush levaria ao início de uma era de incertezas para o mundo. É o que vem neste trecho do editorial do dia 16/04/2003 (Triste simbologia):

Antes de derrubar o ditador, o soldado hasteou em sua cara a bandeira americana, deixando para a posteridade a inequívoca autoria do feito. Mas o símbolo também serve como alerta, pois marca a vitória dos falcões de Bush – a turma liderada pelo secretário de Defesa Donald Rumsfeld e seu auxiliar Paul Wolfowitz – e o início de uma era de incertezas para o resto do mundo. Bagdá demorou muito pouco para ser conquistada e cobrou poucas vidas de soldados americanos, e isso coroou e legitimou, dentro do ninho dos falcões, a nova doutrina de invadir antes de perguntar.

A reportagem, como já foi citado, é a principal forma das revistas explorarem os fatos. A revista Istoé, em suas reportagens, explorou sua opinião contrária a guerra mostrada nos editoriais que se prolongou em capas como “O atoleiro de Bush”, “Insensatez” e “As garras do império”. Nelas percebe-se, mais uma vez, uma personalização da guerra em Bush, principalmente através de títulos como: “Os homens de Saddam” (19/03/2003), “Bush dá as cartas” (23/04/2003) e “A doutrina Bush” (26/03/2003). Além disso, como já foi citado, foram mostrados, também nas reportagens, os efeitos da guerra para a economia mundial, a insistência de Bush e sua turma em atacar o Iraque, os devastadores ataques às cidades iraquianas e o perigo da ação americana prolongar-se a países como Coreia do Norte e Síria. Nas reportagens a revista também mostrou que o não apoio da França e da Alemanha a guerra era porque eles não viam com bons olhos que os Estados Unidos colocassem a mão nas torneiras de petróleo do Iraque (Eixo Paris-Berlim? - 19/02/03)

:
A inquebrantável decisão do presidente americano, George W. Bush, de atacar o Iraque para forçá-lo a se desarmar – ou para pôr as mãos no petróleo de Saddam Hussein – está criando condições para que os dois países mais poderosos da União Européia, a França e a Alemanha, esbocem a formação de um eixo Paris-Berlim – o “eixo da paz” ou o “eixo da

inveja”, conforme o ângulo em que se vê –, fazendo um contraponto europeu ao unilateralismo de Washington. Em seu texto, a revista apontava também que o principal objetivo da ação americana no Iraque era o petróleo iraquiano. “Não ao derramamento de sangue pelo petróleo”, (26/02/03.- As ruas dizem não). Ela acreditava que a invasão americana no Iraque ocorreu porque Bush queria controlar o petróleo iraquiano. E essa será a mesma justificativa encontrada por José Arbex Jr.¹⁷ para a ação americana no Iraque: [...]. todos sabem que Bush filho não ataca o Iraque por “motivos humanitários”, mas por petróleo (em 1991, Bush pai teve um sucesso bem maior, ao vender a versão de que atacava Bagdá para liberar o Kuwait e salvar o mundo do “novo Hittler” que surgiu no Oriente Médio); todos sabem que Saddam Hussein não tem “armas de destruição em massa” – fato atestado pelos enviados das Organizações das Nações Unidas, e amplamente divulgado pelos meios de comunicação, e comprovado pela ausência de evidências após a ocupação do Iraque. Sabem que Bush despreza solenemente a ONU, os tratados internacionais, os mais elementares princípios humanitários.

Tariq Ali (2003) contrapõe essa idéia afirmando que a guerra não era só pelo petróleo e explica:

A expedição a Bagdá foi planejada como o primeiro movimento da nova postura doze anos de bloqueio e os bombardeios anglo-americanos não conseguiram destruir o regime do Baath nem remover seu líder. Não poderia haver melhor demonstração da mudança para uma estratégia imperial mais ofensiva do que dar logo um exemplo disso. Se nenhuma razão isolada explica a escolha do Iraque com alvo, há pouco mistério sobre a série de cálculos por trás dela. Em termos econômicos, o Iraque possui a segunda maior reserva de petróleo barato do mundo; a decisão de Bagdá, em 2000, em cobrar suas exportações em euros em vez de dólares arriscou-se a ser imitada por Chávez na Venezuela e pelos mulas iranianos; a privatização dos poços iraquianos sob controle norte-americano ajudaria a enfraquecer a OPEP; em termos estratégicos, a existência de um regime árabe independente em Bagdá sempre irritou os militares israelenses- mesmo quando Saddam era aliado do ocidente, as forças de defesa israelenses forneceram peças

sobressalentes a Teerã durante a guerra Irã- Iraque; com a nomeação de republicanos fanáticos próximos ao Likud para cargos importantes em Washington, eliminar um adversário tradicional tornou-se objeto imediato para Jerusalém.

Outro ponto abordado nesse gênero jornalístico foram às manifestações da opinião pública classificadas como uma ‘contraponto ao poderio americano’. As manifestações eram uma vista como uma barreira a Bush, como se pode perceber nesse fragmento :

Se as manifestações da opinião pública poderão deter a obsessão guerreira de W. Bush, só o tempo dirá. De qualquer modo, nada será como antes dos dois lados do Atlântico”. Além disso, foram mostrados também os efeitos da guerra para a economia mundial, a insistência de Bush e sua turma em atacar o Iraque, os devastadores ataques as cidades iraquianas e o perigo da ação americana prolongar-se a países como Coréia do Norte e Síria. Em seu texto, apontava também que o principal objetivo da ação americana no Iraque era o petróleo iraquiano. “Não ao derramamento de sangue pelo petróleo”, (26/02/03.- As ruas dizem não).

As armas de destruição em massa foram vistas como uma charada, como vemos nessa situação: “As armas de destruição em massa perfazem a charada mais difícil de se decifrar” (14/05/2003). Quanto às armas Tariq Ali (2003) afirma que:

O presidente Bush, apoiado pelas redes de televisão domesticadas, viera reforçando a questão das armas nos sete meses anteriores a invasão. A propaganda caiu sobre o público americano como uma tonelada de tijolos, mas afóra do país poucos acreditaram nos exageros grotescos. [...]

O império americano usava seu imenso arsenal militar para ensinar o Sul uma lição sobre o poder do Norte de intimidar e controlar.

Conclusões

A revista Istoé antes e durante a ação americana em março de 2003, no Iraque, apresentou uma cobertura diferente dos outros meios de comunicação, pois caracterizou sua cobertura na personalização da guerra em George W. Bush e isso aconteceu devido o predomínio do enquadramento político, tornando a guerra um confronto de discursos e simplificando o conflito. Para a revista, a guerra era pessoal e nada tinha a ver com os americanos e iraquianos. Partindo disso, ela utilizou títulos, fotos e capas como “ O atoleiro de Bush” e “As Garras do Império” para

mostrar o fundamentalismo e unilateralidade do presidente americano explicitando que a ofensiva ao Iraque era a 'Guerra de Bush'. Em seu texto vai estar presente sua opinião contrária a guerra mostrada no editorial e presente nas reportagens e sucedida até em capas. Ao tratar da imagem de Bush e Saddam, mostrará o primeiro como 'insensato', 'cretino' porém, inteligente, e, o segundo como o 'ditador sanguinário' ou o 'monstro de Bagdá', fazendo uma reprodução da abordagem de sua concorrente, Veja. Ao classificar Saddam de ditador, ela reflete a maneira americana de julgar Saddam e esquece que Bush foi ditador na medida que invadiu o Iraque sem o consentimento da ONU e teve uma eleição presidencial duvidosa, como afirma Tariq Ali em *Bush na Babilônia* (2003). É necessário lembrar também que o presidente americano hoje gasta muito mais com guerra do que com a saúde dos americanos, como expressa Tarek Aziz, em *Iraque: a guerra permanente*¹⁸:

Hoje, o governo americano gasta menos para o ensino, a saúde, os serviços sociais do que para o Pentágono. Todo esse dinheiro é dado a sociedades próximas ao governo que produzem armamentos e munições. Depende então do interesse desses estabelecimentos, de seu interesse financeiro particular, criar um sentimento de perigo, de angústia nos americanos para que eles aceitem esses gastos em vez de reclamar contra a diminuição dos

orçamentos para o ensino e para a saúde.

O principal dessa personalização da guerra foi à simplificação do conflito, pois, a reportagem, que deveria trazer aos leitores uma abordagem maior dos fatos para ampliar o conhecimento dos leitores da revista oferecendo assim ângulos ainda não visto sobre os fatos, preenchendo assim o vazio deixado pelo jornalismo diário (jornal, rádio e televisão). Numa reportagem é preciso ir além. É necessário detalhar os fatos, questionar e interpretar suas causas e efeitos e essa foi a principal falha encontrada na revista Istoé. Adelmo Genro Filho¹⁹ mostra que é necessário repensar a reportagem para que não seja apenas "operacional" para o editor. Como veremos na citação abaixo: Na reportagem, a singularidade atinge a particularidade sem, no entanto, superar-se ou diluir-se nela. [...] Mas essa preservação do singular pode se dar, na reportagem, não só numa totalidade estética como igualmente numa totalidade sintético-analítica, que tanto pode propiciar um nível de apreensão teórico-científica propriamente dita, como simplesmente intuitiva.

Concluindo, o que fica claro da análise da revista Istoé, como já vimos, é a personalização da revista em Bush que só se deu porque a revista baseou-se no enquadramento político, tornando a guerra simplificada e um confronto de diálogos e reduzindo a reportagem a uma guerra de declarações.

Referências bibliográficas

- ALDÉ, Alessandra. **Mídia e guerra**: enquadramentos do Iraque. Disponível em www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/alessandra2004.pdf Acesso 09.set.2004.
- ALI, Tariq. **Bush na Babilônia**: a recolonização do Iraque. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ARBEX, José Junior. **Jornalismo Canalha**: a promíscua relação entre a mídia e poder. Casa Amarela: São Paulo, 2003
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Cia das Letras: São Paulo, 2001
- BOAS, Sérgio V. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Afiliada, 1996.
- DENAUD, Patrick. **Iraque**: a guerra permanente. Qualitymark: Rio de Janeiro, 2003.
- DORNELES, V. **A revista imperialista**: análise do discurso de Veja na cobertura dos preparativos para a guerra EUA X Saddam. In: **XXVI Intercom**, Belo Horizonte, 2003. CD-Rom do evento.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Tchê: Porto Alegre, 1987. pp. 183-202.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. Paulus: São Paulo, 2004.
- LEWIS, Bernard T. **O que deu errado no Oriente Médio?** Jorge Zarah: Rio de Janeiro, 2002
- PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. Trabalho apresentado no XXVI

Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu/MG, 22 a 16 de outubro de 2003

QUEIROZ, Ana V. **A ocidentalização da informação**. Texto inédito.

SANTOS, José Rodrigues. **A verdade da Guerra**. 3ª ed. Gradativa: Lisboa, 2002

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **O que é jornalismo?**. Lisboa: Quimera, 2002.

¹⁹ GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987. pp. 183-202

¹ Trabalho apresentado no 1º. Intercom Júnior, evento componente ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Uerj, 8-9 set. 2005.

² Estudante do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo das Faculdades Jorge Amado e estagiária do Núcleo Observatório da Mídia na qual participa da pesquisa “ Guerra do Iraque: O jornalismo em conflito”.

³ Vilas Boas, Sergio . **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Afiliada, 1996.

⁴ Scalzo, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

⁵ Fonte: site da revista www.istoe.com.br

⁶ Traquina, Nelson. **O que é jornalismo?**. Lisboa: Quimera, 2002.

⁷ Arbex, José Jr. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 3ª ed. Casa amarela: São Paulo, 2003

⁸ Gomes, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. Paulus: São Paulo, 2004

⁹ Armstrong, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Cia das Letras: São Paulo, 2001.

¹⁰ DORNELES, V. **A revista imperialista: análise do discurso de Veja na cobertura dos preparativos para a guerra EUA X Saddam**. In: XXVI Intercom, Belo Horizonte, 2003. CD-Rom do evento.

¹¹ Queiroz, Ana V. **A ocidentalização da informação**. Texto inédito.

¹² Lewis, Bernard T. **O que deu errado no Oriente Médio?** Jorge Zarah: Rio de Janeiro, 2002.

¹³ Ali, Tariq. **Bush na Babilônia: a recolonização do Iraque**. Rio de Janeiro: Record, 2003

¹⁴ Porto, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. Trabalho apresentado no XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu/MG, 22 a 16 de outubro de 2003

¹⁵ Aldé, Alessandra. **Mídia e guerra: enquadramentos do Iraque**. Este artigo faz parte do trabalho apresentado no simpósio “A guerra do Iraque e as consequências da doutrina de segurança nacional dos Estados Unidos da América

¹⁶ Santos, José Rodrigues. **A verdade da guerra**. 3ª ed. Gradativa: Lisboa, 2002.

¹⁷ Arbex, José Junior. **Jornalismo Canalha: a promíscua relação entre a mídia e poder**. Casa Amarela: São Paulo, 2003.

¹⁸ Denaud, Patrick. **Iraque: a guerra permanente**. Qualitymark: Rio de Janeiro, 2003.